

## A pedagogia crítica freireana como estratégia pedagógica nas ações extensionistas em design

*Freire's critical pedagogy as a pedagogical strategy in extensionist actions in design*

COUTINHO, André da Silva; Mestrando; ESDI/UERJ

andrecoutinho@riseup.net

NECYK, Barbara; Professora Doutora; ESDI/UERJ

bnecyk@esdi.uerj.br

Este artigo trata de achados da pesquisa de mestrado “O círculo de cultura como estratégia pedagógica nas ações extensionistas em design” em fase inicial, a qual se debruça sobre a utilização de estratégias pedagógicas baseadas na pedagogia crítica de Paulo Freire e sua potencialidade no campo do design, em especial, em ações extensionistas. A proposta desta investigação nasce da iniciativa de se estabelecer pontos de contatos entre a abordagem pedagógica da educação crítica em Freire em ações extensionistas encaminhadas pelo projeto *Pé na Rua: design, cultura e sociedade*, Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), UERJ.

**Palavras-chave:** Extensão; Estratégia pedagógica; Pedagogia crítica.

*This article deals with findings from the master's research "The circle of culture as a pedagogical strategy on extensionist actions in design" in its initial phase, which focuses on the use of pedagogical strategies based on Paulo Freire's critical pedagogy and its potential in the field of design, especially in extension actions. The proposal of this investigation is born from the initiative of establishing points of contact between the pedagogical approach of critical education in Freire and extension actions carried out by the *Pé na Rua* project: design, culture and society, Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), UERJ.*

**Keywords:** Extension.; Pedagogical strategy; Critical pedagogy.

### 1 Introdução

Este artigo trata de achados da pesquisa de mestrado “O círculo de cultura como estratégia pedagógica nas ações extensionistas em design” em fase inicial a qual se debruça sobre a utilização de estratégias pedagógicas baseadas na pedagogia crítica de Paulo Freire e sua potencialidade no campo do design, em especial, em ações extensionistas. A proposta desta investigação nasce da iniciativa de se estabelecer pontos de contatos entre a abordagem pedagógica da educação crítica em Freire em ações extensionistas encaminhadas pelo projeto *Pé na Rua: design, cultura e sociedade*, da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), UERJ.

O projeto de extensão *Pé da Rua*, vinculado ao laboratório de design e educação DesEduca Lab, da Esdi/UERJ, nasceu, em 2020, com a proposta de estabelecer a convivência e o diálogo do estudante da graduação em design com produtores culturais, procurando construir um repertório cultural cujo enfoque é transdisciplinar. Em paralelo, o projeto procura ampliar a formação acadêmica do graduando, colaborando diretamente no seu processo de ensino-

aprendizagem ao estabelecer oportunidade de aplicação teórica na prática. Atualmente, o projeto de extensão é coordenado pela professora Barbara Necyk (Esdi), criadora do projeto<sup>1</sup>, e pelo aluno de pós-graduação André Coutinho (Esdi), assim como conta com doze integrantes, entre alunos de graduação em Design e membros externos.

Acreditamos que as ações extensionistas possuem uma grande potencialidade ainda não explorada no ensino em Design e que a filosofia freireana, assim como outras referências, pode ser de fundamental importância para a construção de estratégias pedagógicas que possibilitem o processo de desenvolvimento crítico e autônomo do estudante. Com efeito, os coordenadores do projeto Pé na Rua (autores deste texto) se propõem a conhecer e experimentar novas estratégias pedagógicas no contexto das ações extensionistas no campo do Design.

## 2 Princípios da educação crítica

Paulo Freire, educador e filósofo pernambucano, advogado por formação e cidadão do mundo por ter trabalhado em vários países, dedicou grande parte de sua vida a combater a educação excludente e elitista. Pensava a educação como instrumento de libertação. Fez presente em toda sua obra a dimensão política do ato pedagógico. Valorizava o diálogo, o pensamento crítico e criativo. Sua pedagogia crítica tem forte impacto em diversos países.

Para exemplificar uma ação da pedagogia crítica, citamos a experiência de Angicos. Nos anos 1960, na pequena cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, Freire utilizou a estratégia do Círculo de Cultura para alfabetizar toda uma comunidade de camponeses, em cerca de um mês. A ideia do Círculo de Cultura, uma proposta ativa, dialógica e crítica, substituiu a sala de aula tradicional marcada pela educação bancária<sup>2</sup>. A atividade se chamava "círculo" porque todos seus participantes se posicionavam como a figura geométrica do círculo, numa disposição em que todos se viam e se olhavam. Igualmente, utilizava a palavra "cultura" porque havia uma interação das relações do homem com a realidade, recriando-a e buscando-se a dinamização de seu espaço no mundo. Segundo Freire (1996), o ser humano, no Círculo de Cultura, "Vai dominando a realidade. Vai humanizando-se. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura".

Outro ponto importante em relação à pedagogia crítica de Freire e do exemplo do Círculo de Cultura é o seu aspecto de ruptura da formalidade. Apesar de não ter sido um ensino não-formal propriamente dito, a experiência de Angicos considerou um alto grau de informalidade. Nesta experiência, Freire realizou experimentações ao substituir a sala de aula convencional por um ambiente de diálogo e pensamento crítico. Pensamos que a informalidade pode ser uma estratégia potente em ações extensionistas no campo do Design.

Na UERJ, os programas, projetos, cursos e eventos de extensão são coordenados e supervisionados pelo Departamento de Extensão, Depext, que se pauta por referências e parâmetros do Forproex, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (DEPEXT, 2022). Acreditamos que a promoção de um espaço de diálogo nos interessa, assim como o alinhamento com as premissas do documento que institui a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012).

---

<sup>1</sup> As motivações iniciais que pautaram a criação do projeto *Pé na Rua* podem ser conferidas no artigo A reapropriação da subjetividade e a pedagogia da autonomia em ações extensionistas (NECYK, 2022).

<sup>2</sup> A educação bancária é marcada pelo ato de depositar. Neste modelo, o professor "deposita" o conhecimento na "cabeça" do estudante. Trata-se de uma educação equivocada que não proporciona a transformação do estudante e do mundo.

Nascido sem uma política clara e definida, o projeto de extensão *Pé na Rua* foi conquistando paulatinamente uma filosofia de ação no mundo através de suas ações. A cada evento, fomos percebendo a importância do diálogo com (e entre) estudantes e a implantação de abordagens de construção coletiva. Hoje, podemos afirmar que o projeto *Pé na Rua* segue os pressupostos da educação crítica em Freire. Sempre que possível, promovemos ações pautadas por uma construção coletiva em uma relação horizontal entre os integrantes. Também procuramos considerar o valor do processo e de saberes outros. Em outras palavras, procuramos aplicar estes fundamentos em nossas ações. Ainda assim, acreditamos ser necessário buscar por outras fontes e outras estratégias pedagógicas para planejamento e execução de ações extensionistas no campo do design.

Em fase inicial de sua pesquisa de mestrado, André Coutinho<sup>3</sup> tem produzido uma revisão bibliográfica sobre temáticas que abordam educação, design e extensão. Na busca por novas fontes, os autores recorreram ao documento que estabelece a Política Nacional de Extensão Universitária gestado no âmbito do Forproex 2012. A seguir, analisaremos como os conceitos da pedagogia crítica de Freire estabelece interseções com parâmetros do documento que define a política extensionista brasileira.

### 2.1 Freire e a Política Nacional de Extensão Universitária

Acreditamos que compreender como a pedagogia crítica estabelece consonância com as diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária constitui fundamentação para a construção de estratégias pedagógicas de ações extensionistas no campo do Design. Como comentado, esta iniciativa faz parte de uma pesquisa de mestrado em fase inicial, que inclui uma revisão bibliográfica sobre a extensão e a pedagogia crítica, além da busca pelo entendimento do funcionamento das ações extensionistas da UERJ, da Esdi e do curso de Design.

Como parte da revisão bibliográfica, André Coutinho realizou o levantamento dos seguintes trabalhos de Freire: *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Extensão ou Comunicação?* (2013), *Pedagogia do Oprimido* (1987), além dos trabalhos de Brandão (2017) e Gomez e Franco (2015) sobre a utilização da pedagogia crítica em experiências diversas. Para analisar as políticas extensionistas no Brasil, foi levantado o documento da Política Nacional de Extensão Universitária, informações do site do Depext, além dos artigos de Silba sobre as ações extensionistas na ESDI (2018 e 1029). Por último, depois de alguns pontos de interesse percebidos, foi levantado o trabalho “Aprendizagem, arte e invenção” de Kastrup (2001) e o conceito de dispositivo (Agamben, 2005) e seu desdobramento em Szaniecki e Anastassakis (2016).

Interseções foram encontradas e fazem parte dos achados da referida pesquisa de mestrado até o momento. Antes, cabe lembrar a própria definição das ações extensionistas, construída pela política nacional de extensão universitária (FORPROEX, 2012):

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade.

---

<sup>3</sup> A pesquisa de mestrado “O círculo de cultura como estratégia pedagógica nas ações extensionistas em design” de André Coutinho, Programa de Pós-graduação em Design da Esdi, é orientada pela Profa. Bianca Martins e é co-orientada pela Profa. Barbara Necyk (autora deste artigo).

As interseções se alinham com as cinco diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária: 1) Interação Dialógica, 2) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, 3) Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, 4) Impacto na Formação do Estudante, e 5) Impacto e Transformação Social.

#### 1. Práxis: teoria e prática

“Na prática, a teoria é outra coisa”, diz Freire (1996). A famosa frase do educador pernambucano parece ter reverberado na Política Nacional de Extensão Universitária, que tem em seu pressuposto colocar projetos em prática, no eixo educador-educando-comunidade.

#### 2. Construção coletiva e o ambiente de diálogo

O eixo educador-educando-comunidade é essencial tanto nas proposições da política nacional de extensão universitária para as ações extensionistas quanto para a pedagogia crítica de Freire. Esse eixo permite, numa relação mais horizontal, a construção coletiva, o que permite o círculo de cultura “rodar”, utilizando *temas-geradores* e questionamentos, num processo que se retroalimenta.

Essencial para o processo de ensino-aprendizagem, essa circularidade inventiva (Kastrup, 2001) só é possível em um ambiente de diálogo. Importante lembrar que para o ambiente de diálogo acontecer, é necessário uma mediação dialógica, que será comentada abaixo.

#### 3. Formação cidadã, questionamento e solidariedade

Um dos principais pressupostos do documento da Política Nacional de Extensão Universitária é a formação cidadã. Aproveitando o potencial do eixo educador-educando-comunidade para promover o questionamento em relação aos problemas do cotidiano, do dia-a-dia de cada participante. Todas estas etapas se alinham com as intenções da pedagogia crítica de Freire (e na sua estratégia do Círculo de Cultura): do questionamento à partir do cruzamento de pontos de vistas e cotidianos, dos debates nas construções e reconstruções coletivas dos temas-geradores e na circularidade inventiva (Kastrup, 2012). Isto nos leva ao conceito de solidariedade (Mazarotto, Serpa, 2022), onde vamos além de “sentir a dor dos outros” e nos disponibilizamos a unir forças para superar essa dor, como um chamado à ação. É o *pensar-fazer* (Freire, 1996) visando superar e solucionar problemas emergentes dos questionamentos coletivos.

#### 4. Valorização dos saberes outros

A troca de saberes dentro do eixo educador-educando-comunidade é o motor da pedagogia crítica de Freire, além de ser um aspecto cada vez mais valorizado pela política nacional de extensão universitária, principalmente quando entra na equação da troca de saberes com a comunidade externa à universidade. Importante ressaltar que o movimento deve ser de fato uma troca, um vai-e-vem, de fertilizações recíprocas, onde se valoriza saberes outros todas etapas do processo de ensino-aprendizagem.

#### 5. Dodiscência

Como dito acima, toda pedagogia crítica de Freire tem o pressuposto do diálogo, é seu princípio fundamental. Surge uma relação horizontal entre os participantes do círculo de cultura, onde se pensa e faz em conjunto, numa construção coletiva. Porém, a construção coletiva nessa relação horizontal não é destituída de liderança. Muito pelo contrário, a liderança é essencial nesse processo, com um condição: que seja uma mediação dialógica (Mazarotto, Serpa, 2022), que crie, mantenha e proteja o ambiente de diálogo. Sem esse ambiente de trocas e respeito, o eixo educador-educando-comunidade não é possível.

Dodiscência é a união das palavras docente e discente realizada por Freire para se referir a uma desejável postura de eterno aprendiz por parte do educador (1996). A dodiscência exige humildade, outra palavra importante da pedagogia crítica, e um ambiente disposto à tal abordagem. O eixo educador-educando-comunidade surge como um território propício para a dodiscência e a mediação dialógica.

Tudo leva a crer que a redação do documento que congrega a Política Nacional de Extensão Universitária tem uma base freireana. Pensamos que as interseções identificadas têm o potencial de promover ações transformadoras, baseadas nas interações e construções coletivas, pensando a educação para além das instituições de ensino, valorizando saberes outros e o eixo educador-educando-comunidade. A seguir veremos como a determinada metodologia de trabalho utilizada em ações com estudantes membros do projeto *Pé na Rua* pode ser analisada segundo estes pontos de contato.

Antes, contudo, trazemos considerações pontuais sobre o contexto sobre o qual as experiências a serem relatadas ocorreram, potencialidades e dificuldades enfrentadas pelas ações extensionistas da ESDI, UERJ, nos últimos anos. Utilizamos a pesquisa de Silba (2018 e 2019), e assim pudemos encontrar pistas interessantes para prosseguirmos nesta investigação. Silba pesquisou as ações extensionistas em design realizadas pela ESDI/UERJ nos anos de 2015 à 2019, analisando as motivações, potências e dificuldades enfrentadas neste território. Concordamos com Silba (2019) quando ele pontua que, “sem a interação dialógica permitida pelas atividades extensionistas, a universidade corre o risco de ficar isolada”. Entendemos a importância da interação<sup>4</sup> entre o saber acadêmico e o popular. Silba ainda levanta questões importantes para as ações extensionistas em design (2019), como a responsabilidade social do design e o potencial do conceito de dispositivos de conversação (Szaniecki, Anastassakis, 2016) no ensino de design. Anastassakis se utiliza do conceito de dispositivo de Foucault (2000) e Agamben (2013) para pensar formas de potencializar o diálogo no campo do design. Ademais, Silba questiona a natureza pouco opinativa dos artigos que tratam as ações extensionistas em design. Essas questões serão tratadas na discussão.

### 3 Métodos e técnicas

O objeto de análise desta investigação são as metodologias pedagógicas empregadas em ações extensionistas do projeto *Pé na Rua*, principalmente aquela que permeou a criação e produção do zine *Luna Magalhães: Entrevista Ilustrada*. O caminho para o encontro de produtores culturais que acabou por definir a produção de um zine é relatado como aquilo que denominamos por *andanças*.

De natureza qualitativa, esta investigação contou com duas técnicas de pesquisa a partir das quais realizamos a coleta de dados. Utilizamos a observação participante (ponto de vista dos autores) e a coleta de depoimentos (ponto de vista dos estudantes ilustradores do zine).

Na medida em que ambos autores são membros do projeto *Pé na Rua* e participaram das produções mencionadas, empregamos a observação participante. Podemos afirmar que a observação participante permeou todas as ações dos mediadores do *Pé na Rua*, do

---

<sup>4</sup> Em seu livro *Extensão ou Comunicação?*, Freire (2013) questiona o uso do termo “extensão” que parece indicar uma via de mão única, direção do acadêmico para o leigo. Em seu lugar, o autor propõe o termo emprego do termo e da noção de “comunicação”, aberta ao diálogo e à troca sem hierarquias entre agentes sociais.

planejamento à execução das ações extensionistas. A seguir encaminharemos o relato dos passos que levaram à ação extensionista de produção de um zine:

- Conceituação das ações do grupo;
  - Definição do conceito de produtor visual;
  - Definição da identidade do projeto;
  - Escolha da produtora Luna Magalhães.
- Início das *andanças*;
  - Produção do podcast Luna Magalhães;
- Produção do Zine

A princípio, esta investigação seria pautada unicamente pela coleta de dados através da observação participante. Contudo, após refletirmos sobre a questão do ponto de vista de quem vivencia a experiência entendemos a importância da coleta da visão dos alunos participantes, principalmente dos ilustradores. Na ocasião, questionamos se nossa percepção como coordenadores do projeto *Pé na Rua* e mediadores das ações extensionistas seria suficiente. Com efeito, para fins de conhecimento da percepção de alunos-participantes na atividade de produção do zine, optamos pela coleta de depoimentos.

Foi pedido para cada integrante do *Pé na Rua* que participou das etapas da construção do zine que nos enviasse um depoimento sobre sua perspectiva de participação nas ações extensionistas da Zine baseado no trabalho de Luna Magalhães.

#### 4 O caminho para a construção do zine

Estas atividades do projeto de extensão *Pé na Rua* começaram em maio de 2021, de maneira remota, por conta da pandemia de Covid-19. Iniciamos os trabalhos com um grupo de cinco integrantes: os autores deste texto e três estudantes da graduação em design da ESDI, Uerj. Durante o projeto, outros membros se juntaram para atuação em tarefas específicas, somando um total de doze participantes. O caminho para a construção do zine é marcado por três fases, conceituação, *andança* e produção, como veremos a seguir.

A conceituação foi o momento de preparação, de entender o que estava acontecendo e o que iria acontecer. Foi o momento do grupo se conhecer, entender o que faríamos, e principalmente, *porque* faríamos. Rodas de conversa e planejamentos foram iniciados nesta fase.

A *andança* foi o momento em que o grupo olhou “para fora”. Momento de possibilidades, onde o grupo planejou que tipo de atividade poderia realizar, como por exemplo: buscar produtores de cultura, visitar exposições, conhecer instituições culturais ou realizar outras atividades, como oficinas ou cursos. Não sabíamos bem o que faríamos, mas tínhamos uma certeza: baseados na conceituação, iríamos colocar o pé na rua, mesmo que virtualmente.

A fase de produção tem dois momentos. Em um primeiro momento, o grupo decidiu lançar um podcast com a gravação da entrevista como resultado da *andança*. Em um segundo momento o grupo sentiu falta de visualidade no produto podcast. Foi pensado então a possibilidade de



construir coletivamente um zine. O primeiro momento da produção (o podcast) rendeu um achado inesperado e é comentado no tópico 8. Já o segundo momento da produção foi o mais importante para este relato e é discutido no tópico 5.

#### 4.1 Conceituação: conceito de produtor de cultura e identidade do projeto

Ao invés de sairmos diretamente em busca de produtores de cultura, foi decidido que seria interessante dar um passo atrás e entender o que afinal é um produtor de cultura. Foram realizadas rodas de conversa sobre a pesquisa da socióloga inglesa Janet Wolff (1982), publicada em seu livro *A Produção Social da Arte*.

Wolff debate como o conceito tradicional de artista como criador depende de uma interpretação não-examinada do sujeito, que ignora a maneira pela qual os próprios sujeitos são constituídos em processos sociais e ideológicos. Partindo de uma perspectiva distinta daquela do campo da arte, Wolff sugere a utilização do termo produtor de cultura no lugar de artista criador e de produto cultural no lugar de obra de arte. Para a autora, este produto é resultante de um complexo composto de fatores econômicos, sociais e ideológicos, mediados através das estruturas formais, que devem sua existência à prática particular do indivíduo localizado no tempo e espaço. Desta forma, o artista (produtor cultural) e a obra de arte (produto cultural) passam a ter lugar numa sociologia da arte, abordagem investigativa da autora.

O grupo de estudos realizou cinco encontros, entre abril e março de 2021. Baseado nas conversas desenvolvidas nos encontros, em como os produtos de cultura são construídos socialmente, o grupo decidiu que a primeira *andança* seria realizada com a poetisa e arte-educadora Luna Magalhães, criadora do projeto social Versos & Vozes. A escolha de Luna foi através de uma votação do grupo. O principal motivo da escolha foi a vontade do grupo de conhecer o potente trabalho social da poetisa.

Em paralelo, o grupo do projeto *Pé na Rua* sentiu a necessidade de refazer a identidade visual do projeto de extensão e dos possíveis "produtos" que cada *andança* resultaria. Com isso, nos reunimos numa roda de conversa para responder algumas questões sobre o próprio grupo: definição da missão, a visão e os valores do projeto *Pé na Rua*. Com efeito, as discussões sobre a identidade visual (forma gráfica) do projeto *Pé na Rua* acabou rendendo a discussão sobre a identidade do projeto em si. Em outras palavras, tivemos a oportunidade de repensar qual a razão de ser do projeto e para onde pretendemos caminhar. Os debates foram significativos para a redefinição do projeto *Pé na Rua* e serviram para criação de parâmetros norteadores de decisões futuras.

#### 4.2 Andanças

Em tempos de pandemia de covid-19, todas as atividades foram realizadas de forma remota, e ocorreram durante o segundo semestre de 2021. Iniciamos a produção testando ferramentas de gravação e edição de áudio. Após as rodas de conversa da etapa da fundamentação sobre o texto de Janet Wolff, foi decidido que seriam realizadas entrevistas com produtores de cultura

do Rio de Janeiro. após votação com nomes sugeridos pelo grupo, a selecionada foi Luna Magalhães.

Luna Magalhães é poetisa, arte educadora e fundadora do projeto “Versos & Vozes”, um programa de oficinas que tem como missão despertar arte e poesia em adultos e crianças em situação de rua e vulnerabilidade social<sup>5</sup>.

Escolhemos realizar uma entrevista como forma de conhecer o trabalho da ativista social. O grupo decidiu deixar a relação de perguntas da entrevista bem aberta. Abrimos um canal para que outros alunos da graduação nos enviassem perguntas. Montamos um tópico guia centrado nas questões que surgiram e nos preparamos para a *andança*.

O grupo selecionou quem iria cumprir cada papel no evento. Dois mediadores, dois participantes trariam perguntas, uma pessoa iria cuidar da gravação. Apesar do nervosismo de todo o grupo, os imprevistos foram superados e a *andança* foi um sucesso. A sensação geral do grupo foi de dever cumprido.

Após a entrevista, tínhamos muito material em mãos, com quase três horas de material bruto de gravação. O grupo decidiu editar o material e usar a edição para produzir um podcast, para divulgação dentro e fora da ESDI. Cada membro do grupo ficou responsável por uma função e, apesar das dificuldades em lidar com as novas ferramentas, a edição foi terminada.

## 5 Conceituação e produção do zine

Após a publicação do podcast<sup>6</sup>, o grupo percebeu a falta de visualidade do formato podcast com o material coletado na *andança* com Luna Magalhães. Neste sentido, discutimos a possibilidade de gerar um material visual que reforçaria as ideias trazidas por Luna Magalhães em sua entrevista. Foi decidido que seria produzido um zine, peça gráfica marcada por uma linguagem experimental, editado e ilustrado pelos participantes do *Pé na Rua* e por alunos de graduação convidados. A produção do podcast foi importante para a construção de zine de várias formas: percebemos que a linguagem visual era importante para o grupo. A gravação também foi utilizada como tema-gerador nas rodas de conversas sobre a construção do zine.

Zines são revistas independentes e não profissionais com diversos fins, recreativos, informativos, educacionais, culturais, dentre outros. Estas revistas podem ser comercializadas ou não. O termo zine veio de fanzine, aglutinação de fan magazine, em outras expressões: “revista de fãs”. Tornando-se popular como um meio de divulgação de trabalhos artísticos, literários, musicais ou de qualquer outro tipo de cultura (Vitória, 2020).

### 5.1 Metodologia de trabalho / construção coletiva

O grupo decidiu que o zine seria construído coletivamente, com a participação de integrantes do *Pé na Rua* e alunos de graduação em Design da ESDI que seriam convidados. No total, doze

---

<sup>5</sup> O trabalho social da ativista Luna Magalhães pode ser acessado em <<https://www.instagram.com/versosevozesprojetosocial/>>

<sup>6</sup> O podcast *Pé na Rua* com Luna Magalhães pode ser acessado na íntegra em <<https://www.youtube.com/watch?v=RDmvJGXbqtA&t=1403s>>



participantes construíram o zine. A atividade ocorreu entre outubro e início de dezembro de 2021.

Organizamos rodas de conversa sobre os temas levantados por Luna Magalhães na entrevista, a partir disso iniciamos os trabalhos do zine. Utilizando uma abordagem horizontal, organizamos pequenos grupos de trabalho para lidar com as demandas emergentes: definir o formato do zine, gerar ideias para as ilustrações, definir os textos que seriam utilizados, pensar a diagramação, a apresentação e organização geral da empreitada. A finalização, impressão e fechamento de arquivo também foram etapas discutidas pelo grupo.

O zine<sup>7</sup> foi concluído em pouco mais de quarenta e cinco dias. Em seguida, o zine foi divulgado em redes sociais. O formato digital do Zine Luna Magalhães Entrevista Ilustrada foi publicado no Issu. Cópias do formato impresso foram entregues para a entrevistada, para distribuição em suas oficinas e eventos.

## 5.2 Hipóteses a serem investigadas com os participantes

Nossa atuação como mediadores das atividades nos levou ao questionamento sobre como os pontos de contato da educação crítica e da política nacional de extensão universitária foram empregados nas três etapas da atividade (conceituação, *andanças* e produção). A princípio, pensamos ter conduzido uma construção coletiva (tomada de decisões e produção) marcada por uma relação horizontal em um ambiente de diálogo em prol do pensamento crítico. Em outras palavras, acreditávamos na incorporação de uma filosofia freireana no trabalho realizado com a equipe. Posteriormente, nos indagamos sobre a percepção da metodologia de trabalho por parte dos participantes.

No lugar de analisarmos estes pontos de contato unicamente pela lente da observação participante como mediadores, consideramos ser necessária uma maior investigação. Para tanto, resolvemos colher o ponto de vista dos estudantes participantes no processo de construção coletiva do zine.

## 6 Coleta de dados: depoimentos

Mediante as hipóteses, foi preparado um formulário<sup>8</sup> para coletar o depoimento dos participantes. Foi pedido para cada participante que escrevesse um breve depoimento sobre a participação nas atividades extensionistas do *Pé na Rua*.

Entre outubro e novembro de 2021, oito alunos participaram como ilustradores do zine Luna Magalhães: Entrevista Ilustrada. Foram coletados para o presente artigo quatro depoimentos de alunos-participantes das ações extensionistas do *Pé na Rua*. Duas delas participaram de todo o projeto e duas participaram somente da última fase, da produção do zine.

### 6.1 Análise dos depoimentos

---

<sup>7</sup> o zine “*Pé na Rua - entrevista ilustrada com Luna Magalhães*” pode ser acessado no link a seguir: <[https://issuu.com/penarua.esdi/docs/zine\\_p\\_na\\_rua\\_1\\_-\\_luna\\_magalh\\_es](https://issuu.com/penarua.esdi/docs/zine_p_na_rua_1_-_luna_magalh_es)>

<sup>8</sup> Formulário com as respostas completas pode ser acessado no link a seguir: <<https://forms.gle/hNCAH6RmCgg94L4u9>>

## 1. Depoimento colaboradora #1

“O processo de construção do zine foi muito tranquilo! Ouvimos o podcast e separamos as frases que mais nos impactaram, depois disso trocamos ideias sobre como trazer essas falas para o campo visual. Na semana seguinte trouxemos alguns esboços para pegar dicas para a arte final, o que foi ótimo porque minha experiência com ilustrações para publicação não era grande e pude tirar algumas dúvidas. Após a confecção das artes, nos reunimos em um grupo menor para o processo de diagramação e no meio do processo acabei trabalhando também na parte da capa. Me senti super acolhida pelo grupo e muito feliz com o resultado dos trabalhos. Antes de começarmos estava com medo de que meu trabalho não fosse bom o suficiente, mas a troca de experiências e saberes foi muito enriquecedora e me fez aprender várias coisas novas sobre diagramação, ilustração e lettering. Admiro muito o trabalho da Luna e fiquei feliz pelo *Pé na Rua* ter trazido o trabalho dela para conhecermos melhor!”

A colaboradora 01 toca nos quatro pontos levantados acima. Iniciado pelas rodas de conversa que utilizaram a entrevista com Luna Magalhães como tema-gerador (Freire, 1996), ponto onde a construção coletiva se inicia, numa práxis aos moldes freireanos. É possível notar o sentimento de pertencimento demonstrado pela colaboradora 01, por se sentir aceita no território (Kastrup, 2001) criado pelo grupo. O comentário sobre o medo de não ser aceita e o fato de aprender mais sobre uma técnica, um *fazer* que a afeta (a ilustração), e também sobre um assunto que a afeta (o trabalho social de Luna Magalhães), é exemplo de uma mediação dialogal, pressuposto para a manutenção de um ambiente de diálogo construído por todos e todas. Esse ambiente, ou território, é propício para questionamentos, estranhamentos (Kastrup, 2001) que promovem uma formação cidadã, para além da graduação e do mercado de trabalho.

## 2. Depoimento colaboradora #2

“O processo de produção, desde a entrevista até a confecção do zine digital, foi bastante tranquilo do ponto de vista de colher informações sobre a entrevistada. Isso porque, as ferramentas virtuais auxiliaram muito o trabalho coletivo ao permitir fazer o compartilhamento de ideias e material transcrito a partir da entrevista. Assim, foi possível mesclar pontos de vista diversificados e, também, semelhantes. O processo de reflexão, pelo menos no meu caso, já se iniciou durante a entrevista. A personalidade da entrevistada, seus sentimentos e relatos foram tocantes do ponto de vista emocional. Ao transformarmos esses sentimentos em linguagem gráfica e visual, foi possível “colocar para fora” os sentimentos da Luna e os meus, do meu ponto de vista claro. Acredito que o mesmo ocorreu com meus colegas e, particularmente, achei uma experiência maravilhosa. Entretanto, nada foi mais gratificante do que testemunhar nas redes sociais a felicidade da Luna ao ter o zine em mãos”

Colaboradora 02 comenta a importância das ferramentas para a construção coletiva do projeto, que, segundo ela, possibilitou mesclar pontos de vistas diversificados, outro fator

essencial para a construção coletiva. A experiência de “mesclar pontos de vista diversificados” é também parte importante no processo de promover a valorização de saberes outros. A práxis freireana está presente no comentário da colaboradora 02 em “colocar para fora” em forma de linguagem gráfica o que foi refletido na experiência com Luna Magalhães.

### 3. Depoimento colaboradora #3

“O processo de construção foi muito satisfatório, pois o tempo de construção e a liberdade de criação não foram sufocantes, além do tema que estávamos trabalhando ser interessante, onde o esforço do trabalho da Luna muda a perspectiva da vida das pessoas. A liberdade de escolher o modo de produzir deu um conforto para poder experimentar outras formas de construção. O tema foi muito interessante, onde há um trabalho muito importante e necessário para a saúde mental das pessoas de extrema vulnerabilidade social. Possivelmente e pessoalmente, eu não iria conhecer, se não fosse pelo *Pé na Rua*. Imagino que o design possa trabalhar para dar visibilidade a projetos sociais dessa natureza, onde transformam e fortalecem as pessoas.”

O depoimento da colaboradora 03 tem um foco no valor social das atividades realizadas no projeto de extensão *Pé na Rua*, o que se alinha com os pressupostos da FORPROEX sobre a formação cidadã nas atividades extensionistas. Atividades estas fruto de questionamento e debate em grupo. Também adiciona o valor da liberdade de criação, algo promovido pelo ambiente de diálogo e a valorização de saberes outros. A aluna produz um pensamento crítico quanto ao campo do Design.

### 4. Depoimento colaboradora #4

“Inicialmente, para mim, sempre é difícil expor as ideias e pensamentos em um grupo de pessoas que não conheço muito, fico insegura de não “estar no mesmo nível” (neuroses que carrego da escola de modelo tradicional). Mas o ambiente do grupo foi de acolhimento e de motivação entre os/as participantes, em que essa colaboração foi sendo afirmada com o decorrer do desenvolvimento do zine.

Com isso, somado pela liberdade de técnicas e linguagens que poderiam ser elaboradas para o projeto, tomei segurança de testar um estilo de ilustração que não costumo entrar e o resultado final me deixou contente. A proposta de não ter uma “identidade visual” a ser seguida é bem interessante, porque o que eu mais vejo hoje em dia são “fabricações” de artes e projetos gráficos de design para o mercado.

Gostei de conhecer o trabalho da Luna e de exercitar o raciocínio de transformar conceitos (tanto concretos quanto mais subjetivos) em uma forma gráfica.”

A colaboradora 04 enfatiza a importância para ela de um ambiente acolhedor, e como isso a proporcionou experimentar técnicas (saberes), que tinha preocupação de não serem aceitos em outros ambientes, por conta das experiências vividas em “modelos de escolas tradicionais”, onde não se promove o ambiente de diálogo. Aborda também a liberdade de

atuação em um ambiente de diálogo, além de sublinhar os aspectos positivos da experiência significativa de transformar conceitos resultantes de debates em ilustrações.

## 7 Discussão

### 7.1 Pontos de contato encontrados

Cinco pontos de contato foram encontrados nas experiências realizadas pelo projeto de extensão *Pé na Rua*:

- 1) a práxis freireana, ancorada no *pensar/fazer*;
- 2) a construção coletiva em um ambiente de diálogo promovido por uma mediação dialógica;
- 3) a formação cidadã, baseada em questionamento e solidariedade;
- 4) a valorização dos saberes outros;
- 5) a dodiscência.

### 7.2 Cruzamento teoria e análise

A discussão a ser encaminhada será realizada pelo cruzamento da análise da coleta de depoimentos, pelas percepções da observação participante à luz da fundamentação teórica.

A construção coletiva, motor da pedagogia crítica de Paulo Freire e principal fator para o funcionamento da troca de saberes no eixo educador-educando-comunidade é o principal achado desta experiência. À partir da construção coletiva foi possível experimentar os outros pontos. Três pontos serviram como base para essa construção coletiva: o ambiente de diálogo, a mediação dialógica e o afeto. Falaremos sobre cada um deles a seguir.

O ambiente de diálogo foi o dispositivo (Agamben, 2005 / Anastassakis e Szaniecki, 2016) pelo qual conseguimos trocar com os educandos, acessar o que normalmente não é dito (Marcello, 2004 / Foucault, 2000), e informar e expressar uns aos outros. O ambiente permitiu a fala, em seus princípios e práticas, numa estratégia pedagógica potente, fluida e acessível, da pedagogia crítica de Freire (Brandão, 2017), simbolizada e sintetizada aqui na forma dos círculos de cultura e suas diversas possibilidades (Gomez e Franco, 2015). O ambiente de diálogo impacta diretamente a primeira diretriz da política nacional para as ações extensionistas (FORPROEX, 2012), sobre a interação dialógica. É a base sem a qual nenhuma das outras diretrizes seriam possíveis. Sem o ambiente de diálogo, não há extensão (Silba, 2018).

É importante lembrar aqui o conceito de dispositivo de conversação, trazido por Silba (2018) para as ações extensionistas em design. O conceito foi elaborado por Szaniecki e Anastassakis (2016), e é uma adaptação da ideia de dispositivo de Foucault (2000) e Agamben (2005). Tomando como base o *Design Anthropology*, Anastassakis e Szaniecki (2016) apontam para o desenvolvimento de uma prática experimental que se apropria da transdisciplinaridade do design para produzir qualidades e promover novas formas de participação e engajamento em comunidade. É um conceito complexo, mas importante para a presente pesquisa no sentido de

se alinhar perfeitamente à ideia do Círculo de Cultura de Paulo Freire (1996), por promover o diálogo e a emergência de potencialidades. Concordamos com a ideia de Szaniecki e Anastassakis em defender o dispositivo de conversação como algo valioso para o campo do ensino em design, e Silba na utilização do dispositivo de conversação nas ações extensionistas. Pensamos que o círculo de cultura, como símbolo e síntese da pedagogia crítica, cumpre este valioso papel.

A mediação dialógica reside na conversa. Conversa que constrói, que é um chamado à ação, que pensa e faz (Freire, 1996), que está aberta a todos e todas, que ensina e aprende, numa circularidade inventiva (Kastrup, 2001), que promove, em última instância, a dodiscência. A mediação dialógica depende da humildade do educador (Mazarotto, Serpa, 2022), da sua, como diz Paulo Freire, *incompletude assumida*.

Adicionamos aqui um terceiro ponto, que foi um achado da experiência que não era esperado: o afeto. O afetar e afetar-se. A força que as ações ganham quando todo o grupo está afetado pelo que acontece e afetando para acontecer é muito potente. Em vários momentos das experiências realizadas, os participantes só seguiram em frente pelo assunto e os afetarem diretamente. Segundo Freire (1996), “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”. Ponto importante, que merece atenção no futuro desta pesquisa e que se alinha com as diretrizes da política nacional para as ações extensionistas, principalmente no que diz respeito ao impacto social da extensão universitária.

Estabelecendo a continuidade desta análise, relacionamos as questões acima comentadas com a pedagogia crítica e as diretrizes da extensão universitária. A práxis freireana, e seu *pensar-fazer*, foi a abordagem inicial do projeto, quando foram iniciadas as rodas de conversa e formuladas as produções seguintes. Algo que pontuou o *pensar-fazer* nas ações extensionistas realizadas pelo projeto *Pé na Rua* foi a interdisciplinaridade emergente das ações. Em uma espécie de rodízio de papéis, em cada etapa dos projetos um participante diferente exercia uma função. Percebemos como uma experiência valiosa, tanto para a formação profissional, mas também para a formação cidadã, ponto importante para as proposições do FORPROEX.

As fertilizações recíprocas entre reflexão e ação surgidas da práxis freireana nos levam ao próximo ponto de contato: a valorização dos saberes outros. Aqui, estamos em um território potente, revelando o que não é dito (Marcello, 2004) nos ambientes tradicionais de educação, onde o que o educando já sabe parece pouco importar (Freire, 2013). Na pedagogia crítica, ao contrário, a potência vem das trocas de saberes, do aprender ensinando e do ensinar aprendendo, como no relato da Colaboradora 04.

Todos estes pontos importantes nos levam ao primeiro vértice do eixo educador-educando-comunidade: o educador. Paulo Freire responde a importante questão de como manter o ambiente de diálogo, valorizar outros saberes e o *pensar-fazer* funcionando com a dodiscência, com o ensinar aprendendo e aprender ensinando. Desta maneira, educador se torna educando e educando se torna educador. Numa mediação dialógica (Mazarotto, Serpa, 2022), as questões que afetam os educandos se tornam temas-geradores, os temas-geradores são o chamado à ação, a circularidade inventiva continua a rodar, numa roda de conversa fluída,

transdisciplinar, pulsante e, principalmente, questionadora. Para o educador, se deixar afetar pelo que se encontra na jornada, eleva o professor ao educador-pesquisador (Freire, 1996), elemento essencial para a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão da política nacional das ações extensionistas e troca entre o saber acadêmico e popular (Silba, 2018).

A última das diretrizes da política nacional da extensão universitária trata do assunto mais importante da pedagogia de Paulo Freire: o pensamento crítico. Talvez a maior contribuição da pedagogia crítica para as ações extensionistas seja fomentar o pensamento crítico e contribuir para a desejável “transformação social” (FORPROEX, 2012).

Outro conceito importante para Freire se mostrou presente nas atividades realizadas pelo *Pé na Rua*, a solidariedade. Mazarotto e Serpa afirma que:

“se empatia é “sentir a dor dos outros”, solidariedade é reconhecer essa dor, ser solidário com ela e unir forças na luta para superá-la. Trata-se de ajudar a fortalecer as pessoas na luta contra a opressão, em vez de mantê-las fora do processo só porque você está “usando os sapatos dela”. (Mazarotto, Serpa, 2022)

Não somente nos depoimentos, mas no dia-a-dia das atividades realizadas, nas rodas de conversa e nas reuniões de trabalho, ficou claro a vontade do grupo de fazer algo à respeito dos problemas emergentes dos questionamentos do próprio grupo, do que afetou os participantes através dos temas-geradores e dos chamados à ação. A empatia foi superada e através do pensamento crítico, a solidariedade fez parte da experiência. Neste ponto, a responsabilidade social do design (Silba, 2019) e a formação cidadã (FORPROEX, 2012) se fizeram presentes.

Acreditamos que os depoimentos confirmam as hipóteses. Foram correspondidas nossas expectativas em relação às experiências dos estudantes-participantes. Percebeu-se o valor de colocar em prática o que foi debatido nas rodas de conversa, gerando uma construção coletiva e um relacionamento mais horizontal no processo de ensino-aprendizagem. A didascência se fez presente, e em um ambiente de diálogo, foi possível ensinar-aprendendo e aprender-ensinando. As trocas entre o grupo foram riquíssimas, com os laços e afetos criados e fortalecidos, potencializando a formação de cada estudante. Os estudantes sentiram seus saberes valorizados e o papel de cada um na construção coletiva foi essencial. O planejamento foi dinâmico, com reajustes de rota quando preciso e passos para trás quando necessário.

É importante ressaltar as dificuldades encontradas durante a jornada e as formas como o grupo lidou com elas. Do ponto de vista dos pesquisadores e mediadores das atividades, a principal dificuldade encontrada foi lidar com os problemas surgidos por conta da pandemia de covid-19. Foram meses difíceis e todo encontro de trabalho ou roda de conversa era também um momento de buscar conforto nas palavras uns dos outros. Impossível não se afetar neste contexto. Foi um momento de forte união entre o grupo. Acreditamos que essa união motivou as escolhas do grupo e foi determinante para que o projeto fosse concluído. Por outro lado, o momento pandêmico, dificultou a participação de vários integrantes. Por motivos diversos, muitos não conseguiram acompanhar um projeto que, à princípio, não sabia quando iria terminar. Percebemos que a incerteza foi um fator determinante para a participação de



alguns integrantes, ainda mais durante a pandemia, onde o sentimento de incerteza e ansiedade foi amplificado<sup>9</sup>. A solução para engajar mais participantes foi criar ações específicas durante o projeto. Na construção coletiva do zine realizamos uma chamada aberta, para participantes que se interessassem em participar das rodas de conversa sobre o trabalho de Luan Magalhães e a partir dos temas que emergiram dessas conversas, produzir a identidade visual e ilustrações do zine. Nestas ações mais focadas, mais pessoas se sentiram confortáveis para participar, em um vínculo mais curto e com a certeza da produção em vista. Pensaremos formas de aprimorar essa questão, sempre reajustando a rota de acordo com o contexto em que vivemos.

As diversas ferramentas utilizadas também foram mudando com o passar do tempo do projeto. Percebemos que ferramentas mais completas, e por conseguinte, mais complicadas, com uma curva de aprendizado mais longa, rapidamente perdiam o interesse dos educandos no contexto da construção coletiva. Ferramentas de comunicação e planejamento foram alteradas e percebemos que as que possibilitam acesso simplificado por dispositivos móveis tinham um engajamento maior. Questionários e documentos de texto simples ganharam a preferência ao invés de complexos aplicativos de planejamento. Editor de texto coletivo, aplicativo para chamada de vídeos em grupos e um grupo para troca de mensagens instantâneas foram o suficiente, mesmo quando o grupo se tornou maior, ao final do projeto.

As ferramentas para construção coletiva do zine também acabaram sendo as mais simples. Mesmo que cada participante usasse a ferramenta de sua preferência no momento de realizar as ilustrações, no momento de trocar uns com os outros, de construir junto, a preferência do grupo foi por ferramentas mais fáceis, mais simples. Ao final utilizamos um quadro interativo online, para organizar os temas das ilustrações e a diagramação e identidade visual do zine.

## 8 Conclusão

Neste estudo, apresentamos a revisão bibliográfica da pesquisa em fase inicial do autor André Coutinho, relatamos as três fases das atividades do projeto de extensão *Pé na Rua* (conceituação, *andanças* e produção), os depoimentos dos participantes das atividades e os pontos de contato entre pedagogia crítica em Freire e os pressupostos da Política Nacional de Extensão Universitária. Apresentaremos a seguir as lições aprendidas, as potencialidades pouco exploradas no campo do design em relação às ações extensionistas e os desdobramentos deste trabalho, o que se leva desta investigação.

Em todos os depoimentos e principalmente no dia-a-dia das atividades, ficou claro para os pesquisadores o alinhamento entre a pedagogia crítica de Paulo Freire e os pressupostos da Política Nacional de Extensão Universitária. No atual estágio, o projeto *Pé na Rua* entende suas ações extensionistas como salas de aula<sup>10</sup> em seu sentido amplo. Valorizamos os aspectos que

---

<sup>9</sup> matéria de Lucas Rocha e Léo Lopes para a “CNN Brasil”, de 2021. acessível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-de-covid-19-provoca-aumento-global-em-disturbios-de-ansiedade-e-depressao/>>. Acessado em abr 2022.

<sup>10</sup> No artigo A reapropriação da subjetividade e a pedagogia da autonomia em ações extensionistas, os autores relataram a experiência da ação extensionista Rolé Virtual da Cinelândia. Neste artigo

a extensão estabelece entre o ensino e a pesquisa. Acreditamos que existe uma potencial relação entre os preceitos freireanos e as diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária. Procuramos ver a extensão como um processo interdisciplinar e que incentiva experiências interativas e modificadoras da realidade na relação entre universidade e sociedade. Concordamos com Freire (2013), que o acadêmico ou o universitário não deve impor o seu conhecimento aos demais (comunidade externa à universidade). Pelo contrário, devem reconhecer a riqueza dos diversos saberes e abrir-se ao aprendizado conjunto.

A pedagogia crítica de Freire potencializa estes aspectos, e parece ainda mais potente quando ocupa o território da extensão universitária. A extensão possibilita uma experimentação de estratégias pedagógicas, ferramentas e produções que agradam tanto educadores quanto educandos (Silba, 2018). Esse campo fértil para experimentações se assemelha à educação não-formal. Não por acaso, as primeiras experiências da educação crítica de Paulo Freire (que foi diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife) ocorreram na educação não-formal, em Angicos, onde pôs em prática pela primeira vez a estratégia pedagógica do Círculo de Cultura (Brandão, 2017). É importante pensarmos nas fertilizações recíprocas entre educação formal e não-formal, e a extensão universitária surge como um território propício para isso.

Um achado inesperado da pesquisa foi percebido durante a atividade, que além das potencialidades já citadas anteriormente da construção coletiva, o fato de iniciarmos um projeto sem saber qual seria o resultado final foi positivo para os integrantes. Houve dúvidas, questionamentos, desentendimentos, conclusões precipitadas, muitos erros, alguns acertos. habitamos um território de estranhamento (Kastrup, 2001). Refletimos sobre o que fazer e sobre o que fizemos e novamente voltamos à ação. O projeto teve, inclusive, um ponto de mudança forte.

A principal mudança de rumo, de reajuste de rota do projeto, foi o lançamento do podcast. Numa reflexão pós lançamento, o grupo percebeu que sentiu falta de visualidade na construção de um desdobramento à entrevista com Luna Magalhães. Foi decidido então que outro produto seria construído: um zine. Foi preciso não trabalhar a visualidade para percebermos como somos afetados por ela, como o grupo precisava dela. “O caminho se faz caminhando”, já dizia Freire (1996), e o que percebemos, é que sem os pequenos tropeços desse caminhar, sem a invenção de problemas (Kastrup, 2001) o processo de aprendizagem tem muito a perder.

Ficou claro para nós, como a utilização da pedagogia crítica de Freire e suas estratégias pedagógicas são uma potencialidade pouco explorada no campo do design em relação às ações extensionistas. Diálogo, construção coletiva, o *pensarfazer*, a valorização dos saberes outros, o afeto transformador no eixo educador-educando-comunidade e principalmente o

---

trabalhamos com o conceito amplo de sala de aula ao considerarmos "o evento relatado como uma atividade pedagógica que se deu em uma “sala de aula” ao envolver a criticidade, ao ganhar novos espaços, ao criar oportunidade de aprendizado e ao se reconstruir como processo histórico e social" (NECYK, 2022).

pensamento crítico. Todos pontos essenciais das diretrizes da Política Nacional da Extensão Universitária.

Desta investigação levamos o desejo de realizar outros experimentos utilizando a pedagogia crítica de Paulo Freire nas ações extensionistas em design, principalmente a estratégia pedagógica do Círculo de Cultura, a mesma utilizada por Freire e outros educadores em Angicos, nos anos 1960. Acreditamos que o Círculo de Cultura, em seus princípios e práticas, possa potencializar as ações extensionistas do campo do Design. Como coordenadores e mediadores do projeto *Pé na Rua* nos propomos ao exercício de sempre aprender.

Foi valioso para esta pesquisa conhecer o conceito de dispositivo (Agamben, 2005) e seus desdobramentos no campo do design (Szaniecki, Anastassakis, 2016). Entender o ambiente de diálogo como um dispositivo ajudou a no entendimento do que a pedagogia crítica (e o círculo de cultura) é e pode ser. Entender as potencialidades, compreender as fronteiras desse território, e portanto, para onde ele pode avançar ou quando deve recuar, perceber com quem esse dispositivo se relaciona, depende e orienta. Pedagogia e pensamento projetual se cruzam para detectar e solucionar problemas e manter o diálogo transformador funcionando. Esperança se torna metodologia, a construção é de todos, porque a todos ela importa. A invenção do próprio mundo se torna pedagogia.

Por último, trazemos aqui uma das motivações de preparar este relato de experiências; a questão levantada por Silba (2018 e 2019): a natureza pouco opinativa dos artigos que debatem as ações extensionistas em design no Rio de Janeiro. Tentamos apresentar estratégias pedagógicas que possam trazer resultados positivos para as ações extensionistas em design.

## 9 Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Tradução: Nilcéia Valdati. **O que é um dispositivo?** Santa Catarina: Travessia, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Ed Brasiliense, 2017 (1ª edição e-book).
- DEPEXT. **Apresentação**. Disponível em: <<https://www.depext.uerj.br/apresentacao/>>. Acesso abr 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. Tradução Rosiska. Darcy de Oliveira. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.
- FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso 20 fev. 2022.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. in: MARCELLO, Fabiana de Amorim. **O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos**. Rio Grande do Sul: Educação e Realidade, 2004.

GOMEZ, Margarita Victoria; FRANCO, Marília (orgs). **Círculo de cultura Paulo Freire: arte, mídia e educação**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015.

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, arte e invenção**. Maringá: Psicologia em Estudo, 2001

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

MAZAROTTO, Marco; SERPA, Bibiana Oliveira. **Cartas (anti) dialógicas: politizando a práxis do Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire**. Arcos Design, Rio de Janeiro: PPESDI / UERJ. v. 15, n. 1, Março 2022. pp. 171-194. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/64305/41585>

NECYK, Barbara; COUTINHO, André da Silva. **A reapropriação da subjetividade e a pedagogia da autonomia em ações extensionistas no campo do design**. Arcos Design, Rio de Janeiro: PPESDI / UERJ. v. 15, n. 1, Março 2022. pp. 195-218. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/65066/41590>

SILBA, Victor. **A Extensão Universitária na ESDI/UERJ: a crise como ponto de partida**. Rio de Janeiro: SPGD, 2019

SILBA, Victor; MEDEIROS, Ligia. **Correlações entre extensão universitária e os trabalhos pro bono desenvolvidos na ESDI/UERJ**. Rio de Janeiro: SPGD, 2018

SZANIECKI, Barbara; ANASTASSAKIS, Zoy. **Conversation dispositifs: towards a transdisciplinary Design Antropological Approach**. In SMITH, VANGKILDE, KJAERGAARD, HALSE, BINDER, Design antropological futures: exploring emergence, intervention end formation, Londres; Nova York, Boomsbury Publish; 2016. 288 p.

VITÓRIA, Maria. **O que é um zine e por que você deve ficar de olho nele?**. Aestranhamente, 2020. Disponível em: <https://aestranhamente.com/o-que-e-um-zine-e-porque-voce-deve-ficar-de-olho/>. Acesso em abr 2022

WOLFF, Janet. Tradução Waltensir Dutra. **A produção social da arte**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1982.